

Ikebana - Arte do Arranjo Floral



Arranjo "Moribana"

I. Características

Ikebana, a palavra japonesa para arranjo floral, é baseado em certos princípios de artes reconhecidos em todo o mundo. O maior amor pela linha, tão característico de toda a arte Oriental, que pela apreciação da forma e cor é, talvez, a mais destacada característica de diferenciação entre o arranjo floral japonês e todos os demais.

O arranjo é linear na composição, consistindo de galhos comuns. Todavia, se estes são dispostos numa bela linha fluente, têm preferência sobre um grupo de flores, não importa quão bela possam ser sua coloração e forma. Tão vigoroso quanto a ênfase da perfeição linear é o ensino do naturalismo; uma insistência na compreensão do crescimento natural do material empregado e um amor pela natureza em todas as suas fases.

Ao ser iniciada, há 13 séculos atrás, Ikebana destinava-se a simbolizar certos conceitos filosóficos do Budismo. Todavia, com o passar do tempo, na niponização completa do arranjo floral e na sua adaptação ao gênio peculiar do povo japonês, muito da conotação religiosa desapareceu, enfatizando-se o ensino do naturalismo.

O simbolismo do passar do tempo tem importância no arranjo floral japonês e é evidente ao olhar penetrante.

O simbolismo do passar do tempo tem importância no arranjo floral japonês e é evidente ao olhar penetrante. Nenhum arranjo seria aceitável se não seguir, de algum modo, o tempo e a estação bem como o crescimento contínuo do material empregado.

Por exemplo:

Material empregado:

O passado: flores integralmente desabrochadas, vagens ou folhas secas.

O presente: flores semi-desabrochadas ou folhas perfeitas.
O futuro: botões, sugerindo crescimento futuro.

Tipo de arranjo:

Primavera: arranjo vital com curvas vigorosas.

Verão : arranjos em expansão e completo.

Outono: arranjos esparso e delgado.

Inverno: arranjos dormentes e algo melancólicos.

Intimamente aliada ao simbolismo no arranjo floral é a associação de certas formas florais com a tradição da literatura e costumes. Cada feriado nacional possui seu arranjo prescrito e até mesmo as celebrações mais familiares não são completas sem o seu arranjo apropriado.

Para a alegre celebração do Ano Novo, geralmente são utilizados o pinheiro e crisântemos brancos; no Festival da Boneca, flores de pessegueiro; e para o Festival dos Meninos, um arranjo com íris é apropriado.

Geralmente qualquer arranjo floral japonês é composto de três grupos triangulares de flores ou ramos. Um grupo erecto central; um grupo intermediário que parte, em direção inclinada, de estrutura erecta; e um grupo em triângulo invertido que parte, em direção inclinada, do grupo central, no lado oposto ao do intermediário.

Raramente os japoneses fazem um arranjo floral desprovido de sua folhagem natural.

A maioria dos arranjos consiste de uns poucos ramos de uma árvore ou arbusto bem como de pequenas "flores de grama" que podem crescer naturalmente na base de uma árvore.

Os estrangeiros não acostumados com esse tipo de desenho floral, freqüentemente, não conseguem apreender sua beleza natural e ficam a conjecturar a razão pela qual os japoneses fazem uso dessa folhagem para decoração. O motivo da utilização de certos materiais além das flores reside na circunstância de que os japoneses encontram mais beleza nas formas e no crescimento da natureza que em suas cores.

As flores mais apreciadas são as que crescem, naturalmente, no jardim ou no campo, à época do arranjo. Raramente são utilizadas flores inteiramente desabrochadas e folhas totalmente desenvolvidas; botões fechados gozam da preferência. Os ramos das árvores de folhas largas ou arbustos com abundância de folhas não são empregados, exceto quando estas estão em botão.

A razão deste procedimento é dupla: primeiro, enquanto o ramo está em botão, a beleza da linha da haste não é obscurecida; segundo, quando são utilizados botões os observadores têm o prazer de vê-los desabrochar lentamente. Por outro lado, quando as flores estão dispostas de forma perfeita, logo murcham e inclinam-se, destarte expressando somente morte e dissolução.

Esta idéia de exprimir crescimento contínuo na vida e vitalidade é predominante em toda a arte japonesa e deveria ser a diretriz principal para o estudante estrangeiro de arranjo floral.

II. Desenvolvimento Clássico

a) Arranjo clássico

No século 6, grupos florais, até então desconhecidos, começaram a ser vistos em ambos os lados dos altares dos templos budistas que se ergueram por todo o Japão nos séculos subseqüentes. Rígidos e volumosos, a fim de harmonizar-se com a imponência de prédio do tempo, estes "Rikka", significando "flores erectas", elevam-se muito acima dos seus ornados vasos de bronze que, ao lado de outros

ornamentos religiosos, haviam sido trazidos da China. As extremidades de seus ramos bem como as flores apontavam na direção do céu a fim de indicar a Fé.

Embora se tivessem tornado, gradativamente, mais flexíveis e largos, os complicados arranjos Rikka continuaram a ser forma predominante de arranjo nos templos e palácios até o estabelecimento do governo de Kamakura ao fim do século 12.

Os "Rikka" originaram-se do conceito de que as flores deveriam ser dispostas de forma a representar Shumisen, a montanha sagrada de todos os devotos do Budismo, simbolizando o universo. Frequentemente era denominado "pequeno jardim dentro de casa" porque, dentro do arranjo floral, o artista construía uma paisagem em miniatura.

Materiais de plantas são empregados para representar diversos objetos naturais; rochas e pedras são simbolizados por ramos de pinheiro, as águas do rio e pequenos córregos por crisântemos brancos; a luz solar, sombra e as cores variadas de estação também são representados por meio da colocação bem escolhida de plantas em seus lugares apropriados.

No arranjo Rikka, há sempre um pinheiro de cinco ou seis pés de altura, disposto no centro do vaso. A árvore representa a beleza da paisagem japonesa, de vez que o pinheiro é um elemento indispensável em cenário de praia arenosa ou de montanhas, especialmente no cenário montanhoso de Kyoto. Depois do pinheiro, as árvores mais importantes tanto para jardim como para o arranjo em estilo Rikka são o cedro, ciprestes e bambu.

Contudo, o Rikka tornou-se antiquado e é, agora, considerado uma forma obsoleta de arte floral. Antigamente, uma decoração apropriada para ocasiões festivas e cerimoniais, presentemente perdeu sua atração no seio do povo e, conseqüentemente, raramente é adotado.

b) Arranjo naturalista

As modificações mais significativas no desenvolvimento do arranjo floral tiveram lugar durante o século 15 quando o Shogun Ashikaga Yoshimasa, governava o Japão (1436-1490).

Os grandes e pequenos prédios que ele construiu expressam seu amor pela simplicidade. Nas casas de pequeno porte foi construída a "Tokanoma", que é uma alcova interna, que serve de templo, contendo objetos de arte bem como um arranjo floral.

Ao lado da simplicidade arquitetônica, Yoshimasa, em colaboração com o artista Somai, simplificou as normas do arranjo floral de modo que todas as classes da população pudessem desfrutar de composições florais de sua própria lavra. Esse novo e mais simples tipo de arranjo foi denominado "Seiwa".

Outro desenvolvimento teve lugar durante o período Momoyama (ao fim do século 16) com a criação das casas de chá onde os mestres da bebida davam uma expressão mais informal às suas composições florais. Com esse propósito, surgiu um estilo mais livre, denominado "Nageire", que significa "lançado para dentro".

É também formado de três grupos triangulares nas mesmas posições relativas. Enquanto no estilo clássico, os três grupos são fixados com firmeza no recipiente, impedindo-se que qualquer parte do arranjo nele toque, o Nageire permite muita liberdade, possibilitando que as flores repousem na borda de receptáculo.



Arranjo "Nageire"

Esse estilo enfatiza o naturalismo ou habilidade do arranjador produzir uma composição que sugira o crescimento natural do material floral utilizado. Destarte, o artista tem a oportunidade de exprimir seu conceito de arte. De acordo com esse estilo de arranjo floral, as flores devem ser dispostas no vaso da forma mais natural, pouco importando quais sejam os materiais florais. Algumas inovações introduzidas no novo estilo do Nageire são, em primeiro lugar, a de que a haste de cada flor fica isolada a fim de mostrar seu crescimento natural; em segundo lugar, os ramos e hastes podem se entrecruzar, desde que haja necessidade de realçar as características naturais das flores; e em terceiro lugar, o Nageire atribui grande importância às partes individuais do arranjo bem como ao todo e, se necessário, chega, por exemplo, a cortar folhas, ramos e até mesmo flores, a fim de melhorar o efeito do conjunto.

O conceito fundamental é sempre enfatizado: a beleza é encontrada onde quer que inexista a artificialidade. Encontrar e exprimir a beleza natural de tudo aquilo que estiver a mão, é o fim e o objetivo do Nageire, a forma simples e natural do arranjo floral.

c) Moribana

Nos últimos cinquenta anos, um desenvolvimento mais recente teve lugar. Este estilo é conhecido como "Moribana" que até certo ponto mostra a influência do contato com o mundo ocidental. É feito em recipientes baixos e achatados, acrescenta, pelo menos, dois outros grupos triangulares de material floral, mas retém as mesmas posições relativas e proporções.

A rígida artificialidade do tipo formal de arranjo como o Rikka (que é adequado apenas em ocasiões de cerimônia) bem como as linhas naturalistas do Nageire (utilizado para a decoração de lares em estilo tradicionalmente japonês) passaram a ser consideradas insatisfatórias como decoração para as casas de estilo europeu menos convencional que surgiram na segunda metade do século 19.

O Moribana combina em proporções iguais, o formal e artificial Rikka e o naturalista Nageire, e acrescenta um terceiro elemento - a sugestão de alguma paisagem e cenário natural a fim de

transmitir este efeito cênico. A folhagem e as flores são utilizadas em maior abundância que nos estilos anteriores. Moribana é uma expressão natural que procura reproduzir, em miniatura, o aspecto de uma vista ou jardim. Embora o simbolismo filosófico do Céu-Homem-Terra seja evidente, não há compacidade convencionalizada no arranjo ou uso de vasos formais, encontrados nos estilos clássicos.

O arranjo Moribana pode ser apreciado onde quer que seja colocado, num quarto, numa sala de estar, numa sala de visitas ou num estúdio. Desnecessário dizer que o arranjo deve estar sempre em harmonia com o cômodo; todavia, trata-se de um dos pouquíssimos estilos de arranjo floral que podem ser adaptados tanto a ambientes formais e dignificados como a locais informais.

III. Princípios Fundamentais do Arranjo

A arte do arranjo floral baseia seus preceitos na linha, ritmo e cor como meios para alcançar uma recriação do crescimento floral. Os ocidentais sempre têm enfatizado a quantidade e as cores dos materiais, devotando sua atenção, principalmente, à beleza das flores. Os japoneses, todavia, salientam a linha do arranjo e desenvolveram a arte a fim de incluir hastes, folhas e ramos bem como flores.

Os princípios fundamentais que tornam prático o arranjo floral japonês são indicados por três linhas principais que simbolizam o Céu, o Homem e a Terra. Elas formam a estrutura sobre a qual o arranjo é feito.

A mais importante linha é a haste que simboliza o Céu, freqüentemente chamada de Principal ou "Shin".

É a haste que forma a linha central de todo o arranjo. Conseqüentemente, o arranjador deve escolher o exemplar mais forte que dispuser.

Depois da haste Principal, segue-se a Secundária ou "Soe" que simboliza o Homem. É colocada de maneira a produzir o efeito de crescimento lateral, partindo da linha central. Deve ter cerca de dois terços da altura da haste Principal, inclinando-se na direção desta.

A haste terciária ou "Hakae" que simboliza a Terra é a mais curta e é colocada à frete ou ligeiramente no lado oposto ao das duas outras. Todas são fixadas firmemente no recipiente a fim de dar impressão de crescerem de uma só haste. Podem ser acrescentadas flores a fim de encher cada arranjo, mas é a posição correta das três hastes principais que tem importância predominante.

Ao dispor as flores, o artista deve colocar a bandeja contendo todas as flores necessárias à direita, ficando o vaso, à sua frente, a uma distância de dois pés. Torna-se mais fácil o trabalho se o vaso estiver próximo, mas para se ter uma visão apropriada das flores enquanto estão sendo dispostas, é melhor afasta-lo um pouco mais. Embora o receptáculo deva estar situado ligeiramente abaixo porque, nesse caso, o arranjador terá uma visão das flores de um ponto superior ao nível destas e, assim, o efeito do arranjo depois deste estar concluído, será bastante diverso do que fora originariamente idealizado.

É de importância capital, o exame da forma e da dimensão de recipiente no qual serão dispostas as flores, antes destas serem selecionadas, de vez que o trabalho depende do seu tamanho, largura e profundidade.

Após a escolha dos materiais, o próximo passo é a poda. A maioria das flores e ramos, pouco importando a maneira ordenada ou simétrica por que cresceram, partes supérfluas, especialmente quando são utilizados em arranjo artístico. Conseqüentemente, precisam de alguma poda, grande parte da qual deve ser feita antes da reunião dos galhos e o restante por ocasião do arranjo dos ramos.

A fim de manter a frescura das flores, são empregados recursos químicos e físicos. O mais simples e fácil deles é o Mizukiri ou corte das hastes em água. Esse processo evitará a exposição, ao ar, da extremidade podada da haste, causadora de deficiente sucção de água pelas plantas. Quanto aos métodos químicos, um pouco de ácido clorídrico ou sulfúrico, diluído em água, reavivará e refrescará as flores. Uma aplicação ainda mais simples de um auxílio químico consiste em esfregar uma pitada de sal na extremidade das hastes. As flores e ramos devem ser dispostos de modo que tenham, simultaneamente, segurança e equilíbrio. Isto significa que o arranjo deve estar fixado, com firmeza, no vaso.

A fim de se obter segurança e equilíbrio, o artista deve fazer uma ao "pé" torcendo a haste ou ramo de modo a mantê-lo firmemente contra a superfície interna do vaso.

O dobramento ou torção do ramo deve ser feito lenta e cuidadosamente, com o arranizador utilizando ambas as mãos a fim de evitar que se quebre.

Em conclusão, uma palavra de advertência deve ser oferecida aos que desejam ser iniciados na arte do arranjo floral japonês. As regras estabelecidas por uma escola não se aplicam, necessariamente, aos ensinamentos de outras.

As diferenças de opinião e concepção são tão numerosas quanto às escolas de arranjo floral existentes. Não obstante, os princípios básicos de arte são cuidadosamente preservados, sendo comuns a todas elas.